

Julian Grub

Doutor em Arquitetura, docente da Campus São Leopoldo e Porto Alegre, e professor/colaborador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Brazil
<https://orcid.org/0000-0001-6139-4371>
juliang@unisinos.br

Alcindo Neckel

Doutorado em Geography and Environmental Sciences, docente permanente e do Programa Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGARQ-IMED), Escola de Arquitetura e Urbanismo (IMED), Rio Grande do Sul, Brazil
<https://orcid.org/0000-0001-5435-3096>
alcindo.neckel@imed.edu.br

William Felipe Liell

Estudante em Arquitetura e Urbanismo, Universidad de Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Brazil
<https://orcid.org/0000-0001-6343-3346>
liellwilliam7@gmail.com

Territórios de abandono: reapropriação das obras de infraestrutura a partir de Deleuze, Guattari e Derrida

TERRITORIOS DE ABANDONO: REAPROPIACIÓN DE OBRAS DE INFRAESTRUCTURA DE DELEUZE, GUATTARI Y DERRIDA

ABANDONED TERRITORIES: REAPPROPRIATION OF INFRASTRUCTURE WORKS BY DELEUZE, GUATTARI, AND DERRIDA



Figura 0 Largo Zumbi dos Palmares, Porto Alegre – território expressivo e espaço da diversidade. Fonte: Autoria própria.

Artigo resultado da pesquisa sobre Filosofia e formas de Hospitalidade nas obras de infraestrutura urbana, e contou com o apoio do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – UNISINOS e, Programa de Prática Acadêmica de Iniciação Científica e Tecnológica – Bolsa PRATIC-UNISINOS.

RESUMO

A partir do conceito de território, o artigo investiga os possíveis caminhos de resignificação das obras de infraestrutura urbana. Obras de infraestrutura como viadutos, pontes, passarelas, escadarias e túneis caracterizam-se como instrumentos públicos que possibilitam conexões e fluxos para o eficiente funcionamento das cidades. Prevendo maior qualidade na forma de ocupação territorial, as obras de infraestrutura, além de espaços técnicos com funções específicas, podem transformar-se em dispositivos éticos, de cidadania e alteridade? O artigo, através de pensadores como Deleuze, Guattari e Derrida, objetiva desconstruir os conceitos de origem em novos atributos conceituais. De forma contextual, a pesquisa adapta o método de análise conceitual, apresentando um quadro propositivo – conceito de origem, conceito de interesse e possíveis consequências. Por um lado, a pesquisa aproxima Deleuze e Guattari dessas construções de caráter público através de conceitos como: organismo, rizoma, estrato e corpo funcional. Por outro, aproxima Jacques Derrida a partir da ideia de receptáculo, numa espécie de território livre e discursivo, onde a linguagem acionada por um outro pensar descentra e reconstrói o objeto em múltiplas interpretações, desconstruindo-as. O texto é reforçado imageticamente por ocupações de obras públicas singulares e representativas de Porto Alegre (Brasil).

Palavras-Chave: território, obras de infraestrutura, análise de discurso, aspectos filosóficos, intervenções urbanas.

ABSTRACT

Based on the concept of territory, the article investigates the possible ways of resignifying urban infrastructure works. Infrastructure works such as viaducts, walkways, staircases, train tracks, subway stations, and tunnels are characterized as public instruments that enable connections and flows for the efficient functioning of cities. Foreseeing a greater quality in the form of territorial occupation, can infrastructure works, in addition to being technical spaces with specific functions, become ethical devices belonging to the citizenry, and show otherness? The article, through thinkers such as Deleuze, Guattari, and Derrida, aims at deconstructing the concepts of origin into new conceptual attributes. Contextually, the research adapts the method of conceptual analysis, presenting a propositional framework – the concept of origin, the concept of interest, and possible consequences. On one hand, the research brings Deleuze and Guattari closer to these public character constructions through concepts such as: organism, rhizome, stratum, and functional body. On the other hand, it approaches Jacques Derrida from the idea of the receptacle, in a kind of free and discursive territory, where the language activated by another way of thinking, decenters and reconstructs the object in multiple interpretations, deconstructing it. The text is visually reinforced by using singular and representative public works in Porto Alegre (Brazil).

Keywords: territory, infrastructure works, discourse analysis, philosophical aspects, urban interventions.

RESUMEN

A partir del concepto de territorio, el artículo investiga las posibles formas de resignificar las obras de infraestructura urbana. Obras de infraestructura como viaductos, pasarelas, escaleras, vías de tren, estaciones de metro y túneles se caracterizan como instrumentos públicos que posibilitan conexiones y flujos para el funcionamiento eficiente de las ciudades. Previniendo una mayor calidad en el modo de ocupación territorial, ¿pueden las obras de infraestructura, además de espacios técnicos con funciones específicas, convertirse en dispositivos éticos, de ciudadanía y de alteridad? El artículo, a través de pensadores como Deleuze, Guattari y Derrida, tiene como objetivo deconstruir los conceptos de origen en nuevos atributos conceptuales. De manera contextual, la investigación adapta el método de análisis conceptual, presentando un cuadro propositivo – concepto de origen, concepto de interés y posibles consecuencias-. Por un lado, la exploración, acerca a Deleuze y Guattari a estas construcciones de carácter público por medio de conceptos como: organismo, rizoma, estrato y cuerpo funcional. Por otra parte, se aproxima a Jacques Derrida desde la idea de receptáculo, en una especie de territorio libre y discursivo, donde el lenguaje activado por otra forma de pensar descentra y reconstruye el objeto en múltiples interpretaciones, deconstruyéndolas. El texto es reforzado visualmente por ocupaciones de obras públicas singulares y representativas de Porto Alegre (Brasil).

Palabras claves: territorio, obras de infraestructura, análisis del discurso, aspectos filosóficos, intervenciones urbanas.

INTRODUÇÃO

Espaços públicos gerados por obras de infraestrutura constituem um território marginalizado, resultado de um planejamento deficiente, de conceitos utilitaristas e de uma política voltada necessariamente à fragmentação social. Através de pensadores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jacques Derrida, procura-se refletir sobre os conceitos desses territórios ocupados por obras como viadutos, escadarias, pontes, passarelas, vias, trilhos de trem, túneis etc. Assim, questiona-se: no contexto atual, os territórios formados pelas obras de infraestrutura das cidades respondem às necessidades da sociedade? O fim a que se destinam oferece abertura às novas demandas ligadas às questões sociais, culturais e econômicas?

Prevendo maior qualidade na forma de ocupação, o artigo tem como objetivo desconstruir significados de origem em novas proposições, revendo conceitos, usos e novas aplicações. Realizou-se uma pesquisa usando como base bibliográfica o pensamento filosófico de Deleuze, Guattari e Derrida. Como método, foi adaptada a análise conceitual evolutiva, proposta por Rodgers (2000), junto ao manuscrito, de forma a reforçar os conceitos apresentados, com o uso de imagens de ocupações de obras públicas localizadas em Porto Alegre (Brasil), como a escadaria da Rua 24 de Maio, o Viaduto Otavio Rocha, Túnel da Conceição e o Largo Zumbi dos Palmares.

Como resultado, apresenta-se um quadro síntese da análise conceitual, de forma a aproximar o pensamento dos filósofos com a ideia de origem dessas obras, considerando suas possíveis consequências propositivas. O artigo visa refletir sobre a importância das ocupações das obras da infraestrutura nas cidades não apenas sob a ótica da eficiência, mas estendendo filosoficamente seus limites, procurando alcançar uma arquitetura como corpo social, produzida pela cidade e seus habitantes. Os territórios formados pelas obras de infraestrutura, numa ideia de "território desejante", procuram se transformar em dispositivos éticos e de alteridade, desconstruindo-se em pontes, elementos conectores e espaços de experimentações.

O texto está organizado em cinco partes além desta introdução. A primeira aborda o conceito de território e infraestrutura urbana; a segunda parte amplia a noção de território a partir da ideia de multiterritorialidade; a terceira parte, como forma de experimentação discursiva e exploratória, apresenta os filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari e os mecanismos de desejo e desterritorialização; a quarta parte apresenta o pensamento desconstrutor e de alteridade de Jacques Derrida; e a quinta e última parte traz as considerações finais do manuscrito.

METODOLOGIA

O artigo adapta o método de análise conceitual evolutivo de Rodgers (2000). Sendo realizada uma pesquisa qualitativa, exploratória e contextual através dos conceitos filosóficos de Deleuze, Guattari e Derrida. As contextualidades dos termos e conceitos estudados aproximaram-se dos conceitos de origem (territórios infraestruturais). Os conceitos (significado de origem) relacionados ao objeto de estudo (territórios de caráter público das infraestruturas urbanas) foram obtidos por meio da experiência do

autor (forma empírica) e reforçados por Mascaró e Yoshinaga (2005), Meyer (2001) e Lefebvre (2006). A contextualização da pesquisa sobre infraestrutura urbana concentrou-se nos seguintes termos/conceitos e suas derivações filosóficas, organizando-se em quatro capítulos – (1) obras de infraestrutura, território e territorialidade; (2) multiterritórios; (3) desejo, rizoma, territorializar, desterritorializar e reterritorializar; e (4) ética, alteridade e hospitalidade do espaço. Os resultados dos atributos territoriais foram organizados/ilustrados mediante um quadro síntese elaborado a partir dos seguintes elementos: conceitos de precedência (significado de origem), conceitos de interesse (significados filosóficos) e consequências (atributos conceituais e possíveis proposições projetuais).

Obras de infraestrutura: territórios imagináveis

Obras de infraestrutura como equipamentos coletivos representam um território de domínio público e dão suporte à vida da cidade por meio de atividades técnicas e unifuncionais (Meyer, 2001). Para Mascaró e Yoshinaga (2005), a infraestrutura urbana configura e organiza técnica e fisicamente os espaços públicos das cidades, onde existem variedades de estruturas e métodos construtivos objetivando preferencialmente o funcionamento do sistema viário, privilegiando o uso do automóvel e fragilizando a interação do pedestre com o território. As obras de infraestrutura são classificadas a partir de temas como abastecimento de água, coleta de esgoto pluvial e cloacal, rede de energia elétrica e iluminação, vias públicas, espaços públicos (como praças) e, por fim, elementos ou arquiteturas infraestruturais, como passarelas, viadutos e pontes, possibilitando a troca social, territorial e econômica das cidades (Zmitrowicz & Angelis Neto, 1997). Assim, os elementos de infraestrutura são instrumentos técnicos, porém, para Rouanet (2001), a técnica nunca será neutra; é, antes de qualquer coisa, política, local de ação de poder mediante o controle do tempo, da hora da partida, da chegada, dos horários para trabalhar e descansar.

Logo, a definição de território formado por essas obras está conectada à plena realização da condição humana, sendo passível de interpretações e significados. Para Lefebvre (2006), o espaço pode se transformar em territorialidade potencializada pela dimensão simbólica daquele que se apropria. Conforme Fuão (2012a), o sentido técnico com fim específico da arquitetura pode ser desviado para outros territórios, gerando novas situações por meio da força da palavra, da ação e do pensamento. Um deslocar do sentido da palavra e do próprio texto onde permitir, descobrir e experimentar tomam novos rumos. Para Lefebvre (2006), o território, no sentido de territorialidade, não é apenas sinônimo de espaço ou espacialidade, como dimensão material da realidade, mas dimensão de sentidos, afecções e significados. Por outro lado, Lefebvre destaca que a associação entre território e homem está no domínio do espaço, por meio da transformação técnica sobre a natureza. As formas geometrizadas caracterizam o poder e o controle, normatizando a paisagem e o espaço natural.

Para Hall (1986), o território apresenta-se como multiplicidade de signos, e seu significado somente é compreensível a partir dos códigos culturais nos quais se inscreve. Numa visão antropológica territorial, não são as características



Figura 1 e 2. Escadaria Rua 24 de maio, Porto Alegre. Território simbólico, marca o encontro entre bairros – Centro e Cidade Baixa. Fonte: Eugenio Hansen, OFS – Rua 24 de Maio, Porto Alegre, Brasil (Escadaria) (2012). Licenciado sob CC BY-SA 3.0, via Wikimedia Commons.

dimensionais e físicas do território que determinam a criação de significados e sua tematização; a investigação do meio físico nunca permitirá um direcionamento social e cultural (Hall, 1986). Hall avança ao dizer que tudo aquilo que se encontra no entorno do homem é dotado de significado; assim, o homem torna-se o elemento principal, o elemento significante, que dá sentido de existência ao território (Hall, 1986).

Haesbaert (2014) alerta que o uso do território não é apenas componente de signos, mas de poder. Organizando-se como modelo, coloca-se como padrão disciplinador. Desta forma crítica, avança ao dizer que o domínio sobre o espaço se utiliza das atividades técnicas exercidas, mas observa que essa visão utilitária não dá conta dos conflitos contemporâneos. Território, portanto, constitui-se de uma combinação entre o funcional e o simbólico, o individual e o coletivo, o abstrato e o concreto, o subjetivo e o padrão. Lefebvre (2006) define territorialidade a partir de forças contraditórias – Logos e Eros. Logos, como ideia de lógica espacial, de dominação, exercendo a função de controle, e, no outro extremo, Eros, como força subjetiva, apropriativa, desejosa e sensível, ideia de criação, de espaço efetivamente autônomo. Haesbaert, num caminho “entre”, redefine questões funcionais através da legítima necessidade de efetuação (afetos derivados do uso), numa abertura de significados. Dessa forma, território como apropriação é abrigo, proteção, é onde toda fonte de sobrevivência acontece, desde a obtenção de matéria prima até o reconhecer-se (identidade) como parte da paisagem (Haesbaert, 2004).

Para Lefebvre (2006), a ideia de apropriação distancia-se de dominação pelas marcas de significados de quem a vivenciou; logo, o território ocupado pelo homem tem valor simbólico, já que a ideia de domínio sobre o espaço representa propriedade e valor de troca. Para Fuão (2012a), obras como viadutos são agentes transformadores dos espaços urbanos por sua característica de reunir e, ao mesmo tempo, abrigar, proteger e ligar, transformando o território em lugares da hospitalidade, arquiteturas da amizade. O uso dos territórios formados pelas obras de infraestrutura urbana deve trazer em si o sentido de livre apropriação, em que as necessidades e desejos os tornam símbolos, com forte carga cultural e identitária. Aberta a interpretações, a escadaria da Rua 24 de Maio em Porto Alegre, apresenta-se como Território sensível, um espaço entre. A escadaria mostra-se como uma interface conectora, (re)unindo dois bairros – o alto do centro com a cidade baixa. Como obra de infraestrutura, a escadaria expõe a primeira qualidade urbana destas obras – ligar partes da cidade, unir paisagens, aproximar identidades e histórias (Figuras 1 e 2).

(Multi)territórios urbanos

Em direção a Haesbaert (2004) e Lefebvre (2006), a ideia de territórios urbanos formados pelas obras de infraestrutura pode apresentar-se de forma coletiva, numa multiplicidade de eventos. Se entendermos as obras de infraestrutura urbana como pontes, passarelas, viadutos, túneis, passagens e escadarias, como elementos públicos de integração, admitindo vários tipos de territórios com suas dinâmicas próprias (tempos, significações e usos), por meio de uma única matriz multiterritorial (social, cultural, política e econômica). Lefebvre (1999) reforça a ideia de multiplicidades de usos em sinônimo de eventos; exemplos claros disso são as estruturas voltadas ao transporte (a exemplo das obras de infraestrutura viária), além do lugar de passagem e circulação, caracterizados por locais de encontros e trocas.

Portanto, aproximando-se de Lefebvre e Haesbaert, os territórios formados pelas obras de infraestrutura podem transformar-se em espaços múltiplos, socialmente construídos, definidos por processos de apropriações dos diferentes indivíduos, interesses ou grupos. Mais que resíduos urbanos ou espaços não planejados da cidade, os espaços infraestruturais são territórios de efetuação social pela potência de gerar encontros, acontecimentos e formas de apropriação inesperadas, ativados pelos diversos sujeitos que exercem as diversas formas de poder nas suas multiplicidades de manifestações neles incorporadas.

Para reforçar a importância da reapropriação e ressignificação dessas obras públicas, retoma-se o pensamento de Haesbaert (2014), que expõe que as formas de ocupações devem variar ao longo do tempo, como construção histórica a manutenção essencial das manifestações culturais da cidade. Assim, os espaços formados pelas obras de infraestrutura como territórios indefinidos, não planejados, abrem-se aos conceitos defendidos por Haesbaert e Lefebvre mediante a ideia de territorialidade de sentido múltiplo – uma multiterritorialidade construída por grupos ou indivíduos, podendo-se afirmar



Figura 3 e 4. Viaduto Otávio Rocha, Porto Alegre – representa a multiterritorialidade da capital. Sintetiza a imagem cultural e simbólica de Porto Alegre. Fonte: Kupac (2016). Licenciado sob CC BY 3.0, via site Flickr.

que parte dos atributos das obras de infraestrutura está na flexibilidade de conexões territoriais, na multifuncionalidade e nas diversas identidades geradas. Logo, territorialidade, para Haesbaert (2014), é abstração no sentido ontológico, em que questões simbólicas e de significação são permanentes, se sobrepondo à materialidade, função e imagem, numa complexa riqueza de multiterritorialidade. Esse termo volta-se à experimentação de vários territórios ao mesmo tempo, formando uma territorialização múltipla, que parte do sujeito, de pequenos grupos, construindo uma rede de relações sociais, numa ideia de multipertencimento espacial.

O conceito de multiterritórios expõe múltiplas escalas e novas formas de articulações e agenciamentos. Conforme Haesbaert (2014), multiterritorialidade são articulações espaciais em rede, territórios-redes, pontos de conexão que permitem “jogar” com as múltiplas modalidades de territórios existentes, criando, a partir daí, infinitas possibilidades. A multiterritorialidade prevê o movimento, o deslocamento, é o reconhecimento do espaço público pela dinâmica transformadora da sociedade num sentido global de lugar. Multiterritórios, como territórios-zonas, deslocam-se de um espaço estável, de fronteiras limitadas e demarcadas, com identidades fixas, para uma visão progressista, não fechada e defensiva, voltada para fora, a uma nova relação tempo-espaço. Para Haesbaert (2014), o espaço funcional e simbólico das cidades pode manifestar-se pelo sentido da multiplicidade e da multiterritorialidade. De forma coletiva e plural, o Viaduto Otávio Rocha

de Porto Alegre, apresenta o conceito de multiterritorialidade, mediante a ideia de espaço dinâmico, construído por diferentes grupos. Como obra de infraestrutura, o viaduto expõe a segunda qualidade urbana destas obras – flexibilidade de conexões sociais com múltiplos pertencimentos (figuras 3 e 4).

Territorializando Deleuze e Guattari

Deleuze e Guattari (1997), contrariando aspectos funcionais e de posse, expandem a noção de território, ampliando o sentido físico ao mental, onde as escalas vão desde um objeto à (re)territorialização do pensamento. Nesse processo de construção pelos filósofos, o conceito de território é resultado de uma vontade e de um desejo a partir da necessidade de efetuações, acionados por agenciamentos. O conceito de território físico e dimensional desdobra-se, como linhas de fuga, por meio de atributos que envolvem potência e matéria em movimento, numa relação tempo-espaço ainda não estabelecida ou conhecida, pois apresenta-se como forma de expressão. O território, agora transformado em matéria expressiva, de intensidade, define-se como lugar em transformação. Logo, território, para os filósofos, encontra-se num constante fazer-se. É processo, aquilo que vem a tornar-se, num interminável devir (Deleuze & Guattari, 1997).

O pensamento nômade e errante dos filósofos passa de um território a outro, rompendo pensamentos de domínio e constituindo o espaço como componente político, estético e ético. A existência do território origina-se por confluências, solidez e fluidez sempre andam juntas, mas apenas a fluidez possibilita a permanência, pelo seu deslocar. Assim, o espaço é, antes de tudo, espacialização, pois todo o vazio da espacialidade é fluxo e encontro, nunca lugares fixos ou finais. O conceito do espaço deve ser rizomático, escapando a definições científicas, hierarquizantes e estruturadas, constituindo-se por aberturas e devires. Dessa maneira, a qualidade do objeto está na expressividade, no contexto e na intensidade, e não na estratificada representação física-funcional do objeto. O Largo Zumbi dos Palmares em Porto Alegre, expõe a potência do espaço em si, um grande vazio, um território expressivo, aberto à diversidade. O vazio representado pelo largo, desconstrói-se em matéria de expressão, questões dimensionais e físicas deslocam-se em direção ao pensamento desejante do indivíduo que irá livremente ocupá-la. Como infraestrutura, o largo expõe a terceira qualidade urbana destas obras – espaço como matéria expressiva e de intensidades (Figuras 5 e 6).

O pensamento não está nas polaridades e contradições, mas no simultâneo, nas conexões e na ideia de rizoma. Rizoma, para os filósofos, são pensamentos não hierarquizados, não partindo de um único ponto referencial e central. Rizoma é constituído de encontros, numa cartografia das multiplicidades, onde variam as diferentes representações atribuídas ao ambiente materializado. Diferenciando-se do modelo árvore-raiz do pensamento arborescente, rizoma é cartografia, é experimentação, aberto e desmontável, sujeito a modificação permanente, com múltiplas entradas e saídas. De modo contrário, os espaços das estruturas das obras de infraestrutura, hierarquicamente, são pensados

Figura 5 e 6. Largo Zumbi dos Palmares, Porto Alegre – território expressivo e espaço da diversidade. Fonte: Autoria própria.



como peça orgânica, dependentes, distanciando-se da ideia de multiplicidade e autonomia dos filósofos. Pensar nos possíveis agenciamentos e como projetar/ planejar os espaços das obras de infraestrutura é refletir sobre o conceito dessas estruturas. Desse modo, para desconstruir seus significados de origem, devemos reinterpretá-las como espaços desejanter, numa narrativa social, sensível e humana, associado ao objeto, mas principalmente ao sujeito e à sociedade. Para os filósofos, deve-se entender a ideia de desejo como força ativa e extensiva à obra, o desejo é aquilo que é produtivo, é a matéria prima da criação, está na força de invenção.

Logo, a criação dos territórios deve partir dos desejos. Desejar é territorializar, é o mecanismo de ação para a existência do sujeito. A partir dos desejos, as combinações e agenciamentos se realizam e os territórios



Figura 7 e 8. Túnel da Conceição, Porto Alegre. Evento de grafite (2004) – novos eventos, novos agenciamentos territoriais. Fonte: Autoria própria.



surgem, excedendo o organismo estratificado. Os agenciamentos são, assim, articulados com conteúdo e expressão, sem hierarquia, ordem ou posição, e o movimento desejanter é o combustível para que o agenciamento aconteça e o território venha a nascer (Deleuze & Guattari, 1997). No evento de grafite realizado no túnel da Conceição em 2004 foi explorada novas possibilidades de ocupação mediante a ideia de território desejanter. Para Deleuze e Guattari (1997), o desejo desperta o pensamento e a imaginação e, por consequência, a transformação do espaço. Desejo é potência de produção, mas também, máquina de efetuação. Como infraestrutura, o túnel da conceição expõe a quarta qualidade urbana destas obras – espaço como matéria desejanter. Portanto, a territorialização pode acontecer em qualquer coisa, desde que represente um conjunto de agenciamentos de corpos desejanter (Figura 7 e 8).

Existe um movimento, um contínuo fazer, desfazer e refazer a partir dos agenciamentos que desconstróem o território em novos territórios, assim como novos serão os agenciamentos. Esse movimento de territorializar, desterritorializar e reterritorializar torna-se ação de abandono do território, é o desvio, o movimento como linha de fuga e, ao mesmo tempo, o movimento de construção de novos (múltiplos) territórios. O representante desse processo desterritorializante, para Deleuze e Guattari, concentra-se no errante nômade. Não no sentido de antiterritório, mas na forma de entender o território como algo aberto, espaço indefinido, sem divisão, sem fronteiras, marcado por traços provisórios que vão se modificando conforme seu trajeto. A desterritorialização absoluta constrói-se pelo ato do pensar; o pensamento é o processo que ativa a desterritorialização; pensar é criar, é romper com o território existente, criando outro. A desterritorialização sempre acompanha a reterritorialização, que se constitui como obra criada – é arte manifestada, é ação concretizada e desejo alcançado. Desejar é a ação instintiva do corpo manifestado no pensar, é possibilitar agenciar encontros. Mas, para existir um pensar, deve existir um meio, a terra, um solo para se fixar o desejo (Deleuze & Guattari, 1997).

Em ritornelo, Deleuze e Guattari (1997) trabalham a ideia de desterritorializar o corpo social, como se a vida se efetuasse em constante movimento de desterritorialização e reterritorialização. O homem sempre passará de um território a outro, abandonando e criando outros. Na vida cotidiana, temos e passamos por vários territórios, o território familiar, territórios do trabalho, territórios do lazer. Os corpos se moldam e constituem-se de várias formas no espaço público ou no privado – territórios onde as anunciações se correspondem (e respondem) de formas completamente diferentes. Os mesmos territórios distintos possuem códigos próprios e conhecidos, com suas relações de poder e força atuantes. Existe, no cotidiano da vida, um processo incessante de desterritorialização e reterritorialização, com seus agenciamentos distintos em cada território.

Portanto, a desterritorialização resgata o princípio dinâmico do fluxo, transformando o objeto estático (representação) em forças, matéria móvel (expressão). Percebe-se que o mundo para Deleuze e Guattari se constitui por uma não representação física, funcional e orgânica, mas de desejos expressivos e simbólicos. Território constitui-se, assim, em ato, ato que afeta os meios e os ritmos de quem o territorializa. Território não é apenas coisa, área, espaço ou objeto, mas é ação, ritmo, movimento e afeto, que se repete no incessante desejo e no imaginário do pensar (Figura 9).

Derrida, desconstrução e ética

Para Fuão (2012b), desconstrução é um trabalho que, na arquitetura, possibilita o deslocamento do sentido da própria construção como significante. Assim, seus motivos estruturais, esquemas, intuições e conceitos serão ressignificados em intermináveis reinterpretações, desconstruindo a própria construção. Na arquitetura, a desconstrução deve tomar o papel de



Figura 9. Análise conceitual – Atributos territoriais. Território infraestrutura x Deleuze e Guattari. Fonte: Elaboração própria.

investigação crítica, invadindo sua estrutura de pensamento e colocando em dúvida seu significado de origem (Solis, 2009). A ideia de desconstrução, longe de um caráter estético-formalista, deve desencadear uma discussão e uma crise da representação, avançando em direção a uma abertura de base ético-política. Portanto, questões como hospitalidade e alteridade, trabalhadas por Derrida, podem ser retomadas na arquitetura como forma de desconstrução (Solis & Fuão, 2015). A desconstrução, de forma metafórica, pode ser aplicada aos elementos estruturadores dos espaços infraestruturais das cidades, gerando novos sentidos. Como Rodrigues (2010) reforça, o sentido é alterado no romper da ideia de origem, desdobrando conceitos de linguagem e levando-os ao seu limite tomando o texto e a escritura como ponto de abertura. Desconstruindo as oposições, os polos opostos perdem seus contornos e forças, com um pensar que desloca, que retira as certezas dos extremos nos quais tudo se organiza, hierarquiza e conceitua (Derrida, 1995).

Derrida (2001) renega a experiência e a consciência, assim como a ideia de origem por meio de um deslocamento, uma perturbação, uma inquietação pelo campo do pensamento. Um novo pensar acionado pelo imaginário, uma instabilidade que habita o pensar: Logo, num processo imaginário, a ação do

Figura 10. Análise conceitual – Atributos territoriais. Território infraestrutura x Derrida. Fonte: Elaboração própria.



pensar é acionada em dois momentos não necessariamente distintos, como coloca Derrida. A inversão do pensamento sobre o conceito funcional do objeto seria o primeiro movimento desestruturante, desacreditando o objeto como ordem, imagem e significado, desconstruindo-o. Inverter a ordem hierárquica é anular as forças daquilo que está concebido, mostrando em profundidade esse romper com a estrutura existente e expondo o que estava escondido em interesses que mantinham o objeto. De forma inseparável, ocorre um deslocar da coisa em análise, numa oposição conceitual, à luz de novos conceitos e sem um compromisso estruturante e de fixação com o pensamento de origem.

Para Derrida (2004), devemos retomar a ética dos espaços mediante o conceito de alteridade. Alteridade está ligada à aceitação incondicional do hóspede, do outro. Nesse contexto, o espaço não é físico, mas é vivido, sentido. A arquitetura, ao encontrar-se com o fora, com o hóspede, com o usuário, deve abrir-se, não com uma pergunta, mas com o “sim” de quem aceita incondicionalmente, ilimitadamente essa consequência de transformar-se. O “sim” do hospedeiro, como gesto de alteridade, significa permitir que o outro, na sua “língua”, livremente diga “eu”. Logo, a decisão sempre será do outro, tudo é incumbido e procede do outro (Derrida, 2004). Por outro



Figura 11. Análise conceitual – Consequência - Síntese associativa dos conceitos de interesse. Proposições projetuais. Fonte: Elaboração própria.

lado, é quase impossível pensar o território como gesto ético, de alteridade, sem um lugar específico, pois a hospitalidade vem do outro e chega para o outro, de fora para dentro. Para o filósofo, o componente ético define um lugar (partilhado) por meio da experiência e de um pensar a partir do outro, de uma alteridade construída pelo imaginável: hospitalidade, amor, responsabilidade e acolhimento. A ética resultado desse acolhimento incondicional, para Costa (2011), acontece na livre subjetividade do outro; é dizer que a liberdade de pensar ocorre quando eu aceito de braços abertos a liberdade do outro. Ética como ato sensível e de afeto em que a singularidade do outro é conhecida pela espera. Assim, impulsionado pelo legado do filósofo Levinas, Derrida explora o sentido de hospitalidade como sinônimo de acolhimento para pensar a ética. Ética não como um problema de direito, político, mas relacionada a uma vida ética (Derrida, 2009). Aproximando-se das obras de infraestrutura, os espaços públicos gerados devem possuir em si a vontade de ser hospitalares a tudo o que estiver no seu interior (Figura 10).

Como ideia de desvio, desdobramentos e (re)interpretações, foram exploradas conceitual e imageticamente as múltiplas identidades dos espaços infraestruturais, rompendo com a ideia mecanicista e utilitária desses espaços

públicos em favor do encontro e ação coletiva da sociedade. O artigo desloca-se da origem-definição dessas estruturas das cidades e penetra na sua singularidade pelas muitas contradições de uso entre projeto e realidade, indicando uma abertura de ressignificação territorial (Figura 11).

As ocupações informais (comercio informal, moradores em situação de rua, etc.), dos territórios formados pelas obras de infraestrutura, aproximam-se das ideias e conceitos defendidos pelos filósofos ao apresentar: multiplicidade de usos, contradição das atividades de origem, indefinição de uso baseada na realidade e projeto. Como exemplo, percebe-se nas ocupações dos moradores em situação de rua, os principais atributos conceituais dos filósofos. Pelo lado deleuziano, os moradores, com seus barracos (moradas), resgatam o afeto a partir desses espaços infraestruturais das cidades, efetuando-se como seres (existentes). Mediante o conceito de rizoma, não seguem as previsões hierárquicas de funcionamento do projeto, subvertendo as atividades de origem por meio do desejo de efetuar-se (pelo imaginário e livre ocupação do espaço público). Suas ocupações transitórias e provisórias aproximam-se do conceito errante e nômade de desterritorialização e reterritorialização, num movimento contínuo de desfazer e refazer, expandindo o território em multiplicidades. Por meio deles (moradores de rua), o espaço transforma-se de elemento representativo, físico e dimensional em expressão de vida.

Por outro lado, observado através da ideia derridiana, esse território das obras de infraestrutura, para o morador em situação de rua, transforma-se em receptáculo, um espaço público desprovido de sentido, origem e nomeação, um grande vazio sem significado, aberto à livre ocupação. Para eles, esse lugar protegido (baixios de viaduto) o aguarda sem perguntar nome ou identidade, é o lugar da espera incondicional. Nessa perspectiva, ele (morador de rua) não é mais um estranho, mas hóspede. E o espaço infraestrutural não é mais parte da engenharia, mas do seu lar, oferecendo a garantia do abrigo e de sonhar em paz. Uma vez ocupado, o território dessas estruturas urbanas desconstrói-se em espaços de acolhimento, contrariando e desconstruindo o pensamento unifuncional dessas obras públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos quadros dos atributos conceituais, conclui-se que a função dos territórios urbanos formados pelas obras de infraestrutura deve ser planejada para possibilitar encontros, experiências afetivas, maior grau de hospitalidade, multiplicidade de atividades e maior conexão. Como consequência, os conceitos de interesse expandiram os antigos atributos das obras de infraestrutura urbana em novas práticas e proposições.

Observa-se no quadro-síntese dos atributos os conceitos de interesse dos filósofos. Deleuze e Guattari desconstruem os conceitos de origem por meio das ideias de desejo, pensamento e criação, sustentadas pela liberdade do rizoma e pela força de movimento (nômade) do termo (re)

territorialização. Do trabalho destes filósofos emerge a ideia do espaço multifuncional, da liberdade de fluxos e acessos, da coletividade, do espaço como condição de realização das necessidades e sonhos dos usuários, da construção do espaço identitário e significativo, e do espaço efêmero e transitório.

Por outro lado, Derrida, num gesto ético, procura desconstruir o sentido do significado de origem mediante a ideia do vazio absoluto (receptáculo) e da força textual da palavra e do pensamento, invertendo e desarticulando o sentido e significado das coisas. As consequências das possíveis proposições retomam o gesto ético da hospitalidade, da reprogramação das atividades (mais gentis), da humanização dos espaços e do acolhimento dos espaços de permanência.

O artigo torna-se significativo ao aportar, no campo da arquitetura e dos espaços ligados aos projetos das obras de infraestrutura, uma base de apoio ao processo de projeto, ampliando o pensar na formulação de novas premissas, diretrizes e proposições. Também resulta significativo ao possibilitar ao leitor, por meio de uma aproximação filosófica, novas formas de interpretação, ampliando o uso e a forma de ocupação destes ambientes técnicos, ligados originalmente às engenharias. O artigo reforça a importante aproximação da prática da filosofia (filosofia aplicada) no processo de projeto, objetivando uma maior qualidade do ambiente construído, na forma de ocupação e na significação do espaço.

As arquiteturas-territórios mostradas nas imagens ao longo do texto apresentam-se como exemplos, reforçando a imagem singular desses territórios e a forte conexão com a cidade. Como obra de infraestrutura, as figuras expõem a força espacial destas construções ainda pouco exploradas. Uma força que une paisagens, aproxima identidades, conecta histórias, flexibiliza a ocupação e gera conexão social e espaços de pertencimento que são matéria de expressão, intensidades e desejos.

Portanto, a ideia de território como corpo orgânico das obras de infraestrutura, organizado por estratos e funções preconcebidas, com significados restritos, pode ser entendida por território desejante, onde o desejo de criação intensifica a qualidade do espaço público, proporcionando condições para a realização das vontades e necessidades da sociedade, num gesto ético e de alteridade.

Costa, J. (2011). *Ética e política em Levinas: um estudo sobre alteridade, responsabilidade e justiça no contexto geopolítico contemporâneo* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia* (vol. 4). São Paulo: Editora 43.

Derrida, J. (2001). *Posições* (T.T. da Silva, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Derrida, J. (2004). *Adeus a Emmanuel Lévinas* (F. Landa, Trad.). São Paulo: Perspectiva.

Derrida, J. (2009). Violência e metafísica: ensaio sobre o pensamento de Emmanuel Lévinas. In J. Derrida, *A estrutura e a diferença* (M. B. M. Nizza da Silva, P. L. Lopes e P. de Carvalho, Trans.). São Paulo: Perspectiva.

Derrida, J. (1995). *A escritura e a diferença* (2a ed., M. B. M. Nizza da Silva, Trad.). São Paulo: Editora Perspectiva.

Fuão, F. F. (2012a). *A hospitalidade na arquitetura*. Porto Alegre. Recuperado de <https://fernandofuao.blogspot.com/2012/09/a-hospitalidade-na-arquitetura.html>

Fuão, F. F. (2012b). *Jacques Derrida & arquitetura*. Rio de Janeiro.

Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Haesbaert, R. (2014). *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Hall, E. T. (1986). *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio D'Água.

Lefebvre, H. (2006). *A produção do espaço* (D. B. Pereira e S. Martins, Trans., 4a ed.). Paris: Éditions Anthropos.

Lefebvre, H. (1999). *A revolução urbana* (S. Martins, Trad.). Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Mascaró, J. L., & Yoshinaga, M. (2005). *Infra-estrutura urbana*. Porto Alegre: +4.

Meyer, R. M. P. (2001). Atributos da metrópole moderna. *São Paulo em Perspectiva*, 14(4), 3-9. doi: 10.1590/S0102-8839200000400002

Rodgers, L. B. (2000). Concept analysis: an evolutionary view. In B. L. Rodgers, & A. K. Knalf, *Concept development in nursing: foundations, techniques, and applications* (2nd ed). Philadelphia: Saunders.

Rodrigues, C. (2010). *Rastros do feminino: sobre ética e política em Jacques Derrida* (Tese de doutorado). Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Rouanet, P.S. (2001, 19 ago.). A técnica segundo Derrida. *Folha de São Paulo*. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1908200115.htm>

Solis, D. E. N. (2009). *Desconstrução e arquitetura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida* (vol. 1). Rio de Janeiro: UAPÊ.

Solis, D. E. N., & Fuão, F. F. (2015). Encontros da filosofia com a arquitetura, mediados pelo pensamento Jacques Derrida. *Resenhas Online*, 14(163). Recuperado de <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/14.163/5607>

Zmitrowicz, W., & Angelis Neto, G. (1997). *Infraestrutura urbana*. São Paulo: EPUSP.